

A PAISAGEM COMO TEMPO: ENTRE FRATURAS, MUROS E VIDAS MENORES

Priscila Correia Fernandes
Instituto tecnológico de Aeronáutica
prixcafernandes@gmail.com

Resumo

O ensaio propõe uma leitura das paisagens urbanas como campos temporais intensivos, onde o tempo age como operador de criação e diferença, tomando como ponto de partida a tensão entre os conceitos de representação e produção no pensamento pós-estruturalista. A partir da análise do mangá *Dr. Stone* e de um acervo fotográfico autoral composto por imagens de muros, paredes e fraturas urbanas, o texto explora como estruturas destinadas à separação e contenção são atravessadas por processos de erosão, instabilidade e ocupações não programadas. Inspirado nos conceitos de *devenir* (Deleuze e Guattari) e de *escavação* (Foucault), o ensaio propõe uma leitura das paisagens urbanas como campos intensivos de transformação, onde o tempo age como operador de criação e diferença. Em diálogo com autoras como Donna Haraway e Anna Tsing, introduz-se a noção de vidas menores, formas de vida imprevisíveis, minúsculas e não intencionais, que habitam as fissuras da cidade e das percepções humanas. Ao invés de serem lidas como invasoras ou oportunistas, essas presenças são compreendidas como companhias silenciosas, que compartilham conosco as condições do mundo urbano: poluição, ruína, sol, umidade e transformação. O ensaio reivindica uma ética da atenção às presenças que não se deixam representar, mas que insistem em existir, transformar e produzir sentido. Paisagem, aqui, não é cenário ou imagem: é composição instável de forças materiais e simbólicas, sempre em *devenir*. Escavar a paisagem, nesse contexto, é permitir que o tempo revele suas camadas e que novas formas de vida e convivência emergem das ruínas do cotidiano.

Palavras-Chave: paisagem em *devenir*; vidas menores, escavação temporal.

Introdução

No mangá *Dr. Stone*, de Riichiro Inagaki e ilustrado por Boichi, um cataclisma global petrifica toda a humanidade. Milhares de anos depois, a Terra ressurgiu como uma paisagem ancestral, onde animais selvagens circulam livremente por florestas regeneradas, emoldurando um mundo em que as marcas da civilização humana foram engolidas pelo tempo. Nesse cenário, um personagem, Taiju, permanece petrificado, mas estranhamente consciente: preserva o momento anterior ao desastre, o instante em que se preparava para declarar seu amor. Seu pensamento insiste, resiste e se fixa nesse afeto, jurando voltar e se declarar à amada. Em outro local, Senku, outro personagem, preserva sua consciência esperando o dia que o processo de petrificação vai acabar: Senku é um entusiasta da ciência, um prodígio, e segue contando os segundos para manter a consciência e calcular o tempo que permanece petrificado. As memórias da humanidade sobrevivem também como resquícios materiais e afetivos: ruínas invadidas por matas exuberantes, estátuas petrificadas de humanos paralisadas em atividades corriqueiras, vestígios de tecnologias, carros, aviões, pontes e arranha-céus agora soterrados por novas montanhas ou submersos por oceanos emergentes. O mundo sedimenta a própria paisagem para dar lugar a outra, em *devenir*.

Com o passar de milhares de anos, reações químicas naturais iniciam, de forma gradual e aparentemente aleatória, a despetrificação de alguns humanos, Taiju e Senku entre eles. A partir desse evento, a narrativa se volta para os desafios enfrentados por esses sujeitos que retornam

à vida em um mundo profundamente transformado, um ambiente que, embora repleto de vestígios da antiga civilização, já se consolidou como uma paisagem esquecida de suas tecnologias.

Nos volumes iniciais, a história se desenrola sobre uma paisagem refeita, marcada por elementos de uma natureza regenerada, quase "original", em que os personagens despetrificados precisam enfrentar os obstáculos da sobrevivência e da reorganização da vida. Essa fase sugere uma tentativa de reterritorialização da espécie humana, em que a "dominação da natureza" emerge como narrativa de base, uma representação/repetição da história primitiva da humanidade: racionalidade e força para a sobrevivência. No entanto, essa relação logo se diferencia pelas próprias intervenções humanas que, ao restabelecer práticas científicas e técnicas, reconfiguram o espaço, os vínculos e os modos de habitar. Há então uma falsa escolha: a existência será viabilizada ao reproduzir os modos de ser humano e regenerar a Terra da mesma forma como era antes do cataclisma ou refazê-la em outro modo? A paisagem é/será a mesma? Somos/seremos os mesmos?

Ao longo da trama, os encontros com paisagens em devir, espaços em constante recomposição material e simbólica, revelam os movimentos contínuos de territorialização e desterritorialização, tensionando o lugar da humanidade em relação à sua herança e ao futuro que constrói. Questões como "*o que deve ser preservado da humanidade?*" deslocam a narrativa para uma dimensão ética, afetiva e política, enquanto a ciência/tecnologia, elevada a agente central, mostra-se capaz de moldar paisagens físicas, sociais e emocionais ao mesmo tempo em que as habita e as transforma. Essa formulação desloca o foco da paisagem como um encadeamento de ações ou transformações (processo), para pensá-la como uma expressão material do tempo em suas diversas camadas: erosão, sedimentação, ruína, emergência, insistência. Trata-se de uma paisagem que não é composta apenas por elementos espaciais, mas que encarna o tempo que nela atua e se inscreve — tanto o tempo geológico e material quanto o tempo histórico, subjetivo, simbólico.

Metodologia

Neste ensaio, utilizo como dispositivos o mangá *Dr. Stone* (Riishiro Inagaki; Boichi, 2021), articulado a uma seleção de fotografias do meu acervo pessoal. Essa seleção surgiu a partir do convite da exposição "*Das Paredes ao Museu*", atualmente em cartaz no Museu Municipal de São José dos Campos. A partir das provocações do curador Gilberto Marques, especialmente à pergunta: quais paredes, muros ou espaços da cidade se abrem às produções artísticas? Assim, para esse texto, retomei minha própria questão de longa data: quais são as paredes, muros e interstícios urbanos que se abrem, não apenas à arte, mas à vida sensível? Essas imagens coletadas ao longo de mais de uma década de produção com os espaços da cidade revelam fraturas, vãos, fissuras onde surgem plantas, formigas, fungos, líquens: formas de vida incidenciais, não programadas, que invadem o espaço urbano como corpos insurgentes, subvertendo sua rigidez funcional.

A operação que proponho é inspirada em processos de erosão, sedimentação e escavação: gestos que desviam o olhar e o pensamento para outras paisagens possíveis (Foucault, 2008). A escavação, aqui, atua como conceito-motor e operador metodológico, uma metáfora potente que permite acessar camadas, temporalidades e vestígios ocultos sob a superfície urbana. Mas não se trata de revelar um fundo original, mas de expor camadas sucessivas, onde o que emerge é o resultado da ação do tempo sobre o espaço, desgaste, corrosão, acúmulo, transfiguração. Essa abordagem desloca a ideia de paisagem como cenário fixo para pensá-la como campo em devir: não retorno ao que era, mas emergência de outra coisa, instável, transitória, insurgente (Haraway, 2016; Ingold, 2000; Tsing, 2015). O tempo, nessa chave, não apaga a paisagem, mas a transforma formal e simbolicamente, ativando sua potência como campo de criação e resistência.

Desenvolvimento

A narrativa de *Dr. Stone* pode ser lida como uma fabulação contemporânea que dramatiza, em linguagem visual e sequencial, as fraturas temporais que fazem emergir novas paisagens possíveis. A petrificação da humanidade funciona como uma interrupção radical da história: um vazio temporal que desloca os sujeitos da modernidade para um mundo outro, no qual os antigos referenciais, técnicos, sociais, simbólicos, já não se sustentam. Esse deslocamento não conduz a um recomeço linear, mas a uma espécie de corte arqueológico: uma escavação do humano em meio aos escombros da paisagem.

À medida que os personagens são despetrificados, o mangá apresenta a tentativa de reinstaurar a vida em meio a uma natureza que se reconfigurou sem a presença humana. As primeiras ações voltam-se à sobrevivência e à reterritorialização do corpo e da técnica. No entanto, esse gesto de restabelecimento logo revela sua instabilidade: a paisagem, mesmo refeita, resiste à captura. Ela se apresenta como um campo em devir, cujas camadas geológicas, biológicas, afetivas e políticas não estão dadas, mas se atualizam no movimento da narrativa. A própria ciência, reerguida como força motriz da reorganização da vida, não é aqui representação de controle absoluto, mas expressão do modo como as forças humanas e não humanas se agenciam para habitar o inabitável (Latour, 1987; Latour, Bruno, 1997).

Ao mesmo tempo, ao pensarmos com Deleuze e Guattari (Deleuze; Guattari, 1987), essa paisagem não se fecha em suas camadas sedimentadas. Ela não é apenas o resultado de um passado que persiste, mas um campo de virtualidades que se atualizam no devir. As paisagens narradas e aquelas que se inscrevem no tempo profundo da Terra são paisagens em devir, sempre em processo de desterritorialização e reterritorialização. Nesse fluxo, não há forma última a ser atingida, mas movimentos incessantes de criação, onde as vidas em devir operam nos interstícios daquilo que foi e daquilo que ainda não se deu. Assim, proponho uma leitura da narrativa de *Dr. Stone* não como representação apenas de um futuro pós-apocalíptico, mas um exercício de escavação do presente: uma abertura crítica onde as paisagens do mundo e do pensamento podem ser novamente habitadas — não como retorno a um estado original, mas como ensaio contínuo de outros modos de existência.

Muros e identidade frustrados, o tempo produz diferença

Na tradição da representação, a paisagem é compreendida como estrutura estável, delimitada por um olhar que organiza o mundo segundo categorias fixas: identidade, pertencimento, funcionalidade. No mangá *Dr. Stone*, essa lógica é posta em tensão. A ciência promovida por Senku, embora inicialmente mobilize técnicas herdadas do passado em uma aparente repetição, em um mundo em ruínas encontra outros povos e faz emergir novas relações materiais. As tecnologias reaparecem como forças criadoras mas em contato com estruturas que já não se submetem facilmente à ordem anterior. As ruínas da civilização anterior diluem as fronteiras: os edifícios não delimitam mais propriedade; os muros já não separam; o pertencimento territorial se dissolve em matas que cobrem construções, mares que invadem cidades, musgos que avançam sobre monumentos. A tentativa de reconduzir a vida a fronteiras estáveis, ao que pertence, ao que é funcional, ao que é humano, mostra-se constantemente frustrada. A paisagem que se apresenta é uma paisagem em devir, na qual a diferença é produzida pelo tempo e pela matéria, e onde o gesto de delimitar é desfeito por erosão, instabilidade, recomposição.



Figura 1. Pequenas plantas no meio fio. Fonte: acervo da autora.

É nesse horizonte conceitual que se insere meu trabalho visual com as paredes, muros e estruturas da cidade. Tradicionalmente concebidas como formas de separação, contenção e delimitação, essas superfícies buscam organizar o espaço urbano segundo uma lógica da funcionalidade e do controle. No entanto, ao longo de mais de uma década, venho fotografando aquilo que nelas escapa: as pequenas presenças que irrompem nas fissuras e brechas, formigas que escavam calçadas, fungos que se espalham em paredes, plantas que crescem de frestas quase invisíveis. Esses registros não captam resistências intencionais ou insurgências programadas, mas modos minúsculos de habitar o tempo, vida que se instala sem ser chamada, que não respeita a separação entre o natural e o urbano, o útil e o desqualificado, o que deve ou não estar

ali. São presenças que a lógica urbana tenta apagar ou ignorar, mas que, pela insistência, se sedimentam como camadas de sentido não previstas, não reconhecidas mas reais.



Figure 2. Uma plantinha crescendo no furo do muro. Fonte: acervo da autora.

Este gesto fotográfico é, em si, um exercício de escavação: não escavar para encontrar o que está enterrado como origem, mas para seguir o tempo em sua ação sobre a matéria. O que essas imagens revelam é que a paisagem urbana não é estática, mas atravessada por devires sensíveis, menores, quase imperceptíveis, formas de vida que não representam nada, mas que produzem novidade, criam fendas na solidez das estruturas e redesenham silenciosamente os modos de coexistir (Haraway, 2016).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Vida minúscula

*“Legend has it that the moss grows on
The north side of the trees
Well, legend has it when the rain comes down
All the worms come up to breathe
Well, legend has it when the sunbeams come
All the plants, they eat them with their leaves
Well, legend has it that the world spins 'round
On an axis of 23 degrees
But have you heard the story of the rabbit in the moon?
...
Well, we can all learn things, both many and a-few “*

(Canção The moss. Artista: Cosmo Sheldrake Álbum: Old Tunes EP. Data de lançamento: 2015)

No âmbito do presente ensaio, o conceito de vidas menores assume papel fundamental para repensar as relações entre o humano, o não humano e o espaço urbano (Deleuze; Guattari, 1987; Ingold, 2000; Tsing, 2015). Inspirado em tradições pós-estruturalistas e filosóficas que problematizam categorias fixas de identidade e presença, esse conceito não se refere apenas a organismos de pequeno porte ou àquelas formas de vida que passam despercebidas, mas sobretudo àquelas que habitam as fraturas e interstícios da percepção, da memória e do cotidiano. São seres imperceptíveis à primeira vista, que não se deixam reduzir a definições claras ou essencializadas, e cuja presença requer o olhar atento e o conhecimento especializado para ser reconhecida como no caso dos fungos e líquens que crescem silenciosamente nos muros e paredes das cidades.

Essas vidas menores não são meras “invasoras” nem “oportunistas” no sentido pejorativo que frequentemente lhes é atribuído. Pelo contrário, elas são companheiras invisíveis, que compartilham conosco as condições da existência — o sol, a poluição, as mudanças climáticas, os ciclos do tempo e as transformações urbanas. Habitam espaços marcados pela fragilidade e pela resistência, vivendo nas fissuras que rompem a rigidez das construções humanas, e trazendo consigo uma temporalidade distinta, marcada pela persistência e pela adaptação silenciosa.



Figure 1. Um grupo de cogumelos crescendo na calçada. Fonte: acervo da autora.

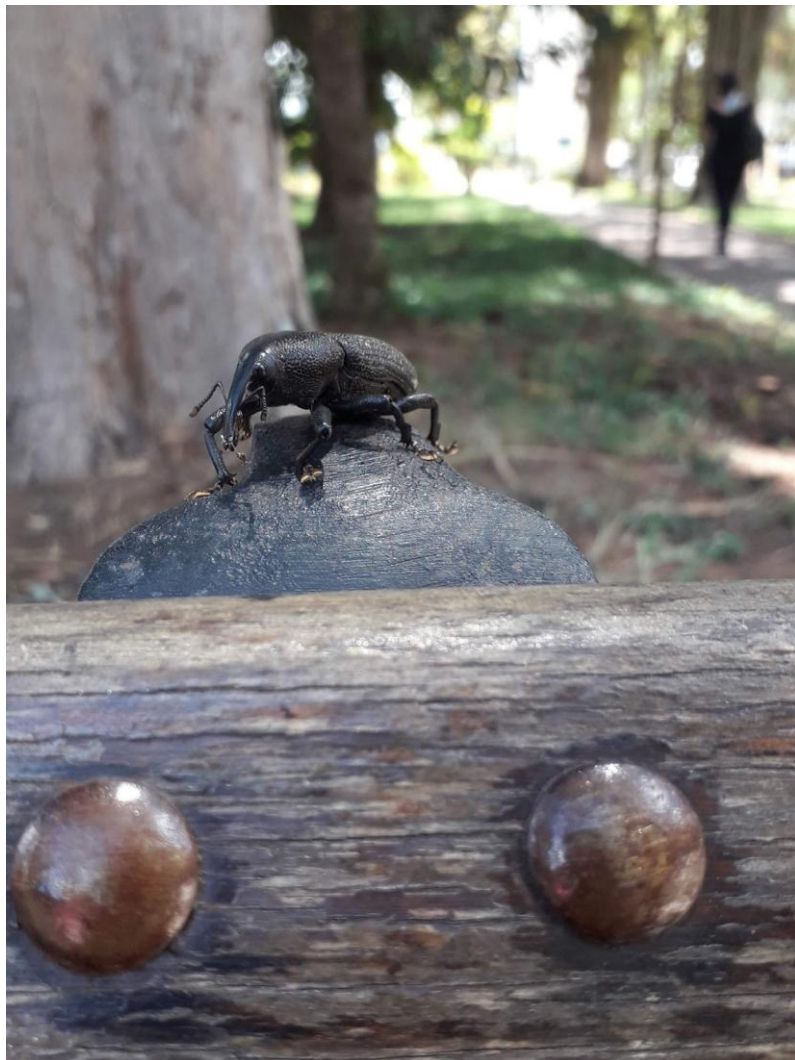


Figure 2. Um besouro sobre o banco da praça. Fonte: Acervo da autora.

O que essas formas de vida nos convidam a repensar é a própria noção de identidade e pertencimento. Elas recusam a fixidez das fronteiras tradicionais, recusam serem plenamente nomeadas ou controladas e, ao fazê-lo, abrem uma zona de compaixão e escuta para o que não é imediatamente visível nem inteligível. A convivência com as vidas menores implica um deslocamento do olhar antropocêntrico, um convite para reconhecer a multiplicidade das presenças que compõem nossas paisagens cotidianas e, simultaneamente, para acolher a diferença sem reduzir à lógica da dominação ou exclusão.



Figure 3. Uma cobertura de policarbonato com plantas crescendo junto. Fonte: Acervo da autora.

Nesse sentido, as vidas menores são também formas de sensibilidade que nos ajudam a perceber as camadas profundas do tempo e do espaço, aquilo que escapa às delimitações convencionais, e que se manifesta justamente nas bordas, nas fraturas, nos resíduos. Elas são, em suma, habitantes das margens do mundo perceptível e simbólico, constituindo-se como forças que atravessam e transformam as paisagens urbanas e afetivas, convocando-nos a uma ética da atenção, do cuidado e do devir.

Conclusão

Assim, ao contrapor a paisagem como representação à paisagem como produção, propomos deslocar o olhar para aquilo que se forma nas margens do visível, nas bordas do reconhecível. As ruínas do *Dr. Stone*, como os muros da cidade, não indicam apenas um passado perdido, mas aberturas para o que ainda pode vir a ser. Elas produzem zonas de indeterminação, onde a delimitação da vida de onde ela deve estar, como deve agir, a quem pertence se desfaz. O reconhecimento dessas temporalidades menores, dessas presenças mínimas e persistentes, exige uma disposição ao devir: ao devir vida, ao devir arte, ao devir sensível, ao devir menor. O que está em jogo, afinal, não é recuperar uma paisagem original, mas escavar suas camadas vivas e deixá-las transbordar para que o tempo, operando nas brechas, siga produzindo outras formas de presença, outras possibilidades de habitar o mundo.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus capitalism and schizophrenia.**

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham London: Duke University Press, 2016.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling & skill**. London ; New York: Routledge, 2000.

LATOUR, Bruno. **Science in action : how to follow scientists and engineers through society**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1987.

LATOUR. BRUNO. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

MICHEL FOUCAULT. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

RIISHIRO INAGAKI; BOICHI. **Dr. Stone**. [S.l.]: Panini Brasil, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton: Princeton University press, 2015.

Nota sobre o processo de elaboração

Partes deste ensaio foram desenvolvidas com o apoio da ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT (OpenAI), empregada como recurso de auxílio à redação, organização de ideias e exploração conceitual, sob orientação e controle crítico da autora. Todas as decisões teóricas, interpretações e escolhas discursivas são de responsabilidade integral da autora.